

## **Portas fechadas para a educação**

*Ediane Merola*

Os donos de escolas privadas já foram chamados de "tubarões da educação", mas quem atua na área diz que, nos últimos anos, o setor não está para peixe: de 2000 até o primeiro semestre deste ano, 331 escolas particulares dos ensinos fundamental e médio fecharam as portas no Estado do Rio. No mesmo período, somente na capital, 400 unidades de educação infantil (creche e pré-escola) encerraram as atividades. Os números, levantados pelo Sindicato das Escolas Particulares do Rio (Sinepe Rio), com informações do Conselho Estadual de Educação (CEE), mostram que quase dobrou o número de escolas fechadas em 2007 (foram 52), em relação a 2000 (28 colégios). A inadimplência, que pode chegar a 20%, continua sendo apontada como a principal causa da falência dos estabelecimentos, alguns com quase meio século de existência.

Atualmente são cerca de 3.800 escolas particulares no estado. Em 2006 foi registrado o recorde de fechamento de instituições dos ensinos fundamental e médio: 57 unidades. Somente no primeiro semestre deste ano, ocorreram 12 falências e há outros 16 pedidos em processo. A abertura e o fechamento de novos colégios devem ser comunicados à Secretaria estadual de Educação, que nem sempre é informada.

O acervo da escola deve ser encaminhado à secretaria. Onde o aluno ou o professor vai recorrer em caso de segunda via de documentos? — diz a diretora da Coordenadoria de Inspeção Escolar da secretaria, Heloísa Maciel.

Atualmente, o estado está fazendo um levantamento por coordenadorias regionais para recadastrar as escolas e identificar nominalmente quantas fecharam as portas recentemente. De pronto, Heloísa cita os tradicionais Colégio Rio de Janeiro (CRJ), na Gávea, e a Escola Técnica de Comunicação (ETEC), do Centro, que encerraram as atividades no fim de 2007 e há dois anos, respectivamente. Mas a diretora da secretaria admite que faltou controle neste setor nos últimos anos:

Não tínhamos inspetor. Fizemos concurso este ano. Não havia vistoria sistemática, ele só ia apagar o fogo. Agora, a escola sabe que todo mês receberá uma visita. Funciona até como assessoria, que pode ajudar a identificar problemas.

**Leia mais:**

### **São 2 mil postos de trabalho perdidos**

Presidente do Sinepe Rio, o professor Edgar Flexa Ribeiro estima que dois mil postos de trabalho foram fechados no setor de ensino básico, nos últimos anos. O Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (Sinpro-Rio) já verificou um aumento no número de homologações de demissões de professores. Foram 4.041 em 2005, 4.200 em 2006 e 4.700 em 2007. No primeiro semestre deste ano já ocorreram 3.500 homologações.

Muitas escolas fecharam na Zona Sul, na Tijuca. Mas abriram outras na Barra, em Jacarepaguá. Houve uma mudança geográfica — conta o primeiro-secretário do Sinpro-Rio, Wanderley Quêdo.

Quando uma escola fecha, em geral os alunos vão estudar em outros estabelecimentos da rede privada e, alguns casos, outras instituições assumem o ponto. Foi o que ocorreu na Gávea, com o Colégio Rio de Janeiro, comprado por Verinha Afonsseca. Ela fez a aquisição para ampliar sua Escola Nova. A Secretaria de Educação não tem um levantamento específico de quantas escolas particulares foram abertas nos últimos anos.

O fechamento de algumas escolas abriu um espaço para mim, que pude ampliar uma escola forte, num ponto que é o filé da Zona Sul. O CRJ não estava à venda, mas eu queria crescer,

negocieei por dois anos. Quando comprei, sabia que a inadimplência era grande, mas hoje é zero — conta Verinha.

Marley Louzada da Rocha — um dos proprietários do tradicional Colégio Olavo Bilac, na Ilha do Governador, onde estudou o músico Renato Russo — não teve a mesma sorte. Com uma média de inadimplência em 35%, fechou as portas depois de 46 anos de funcionamento. No endereço funciona atualmente um Colégio Santa Mônica.

Ficou insustentável. Meu pai preferiu acabar com a escola em vez de ficar devendo aos funcionários — disse Carlos da Rocha, filho de Marley. Proprietário de uma escola na Ilha do Governador e presidente da União Brasileira do Ensino Particular, Josué Gomes da Silva faz uma lista de colégios que fecharam no bairro, como o Governador, GPI, Miguel Couto, Ribeiro Machado e a Associação Moderna de Ensino, que funcionava há 30 anos.

Quando uma escola fecha é um desastre. A quebradeira começou com a chamada "lei do calote", que proíbe as escolas de cancelarem a matrícula de alunos devedores durante o curso. A inadimplência hoje varia de 12% a 20%.

Ex-alunos de escolas que faliram são as grandes vítimas deste processo. Melina Isa, por exemplo, concluiu o ensino médio na ETEC, há cinco anos; terminou o curso superior de turismo e hotelaria, mas ainda não pôde pegar seu diploma, pois não tem o histórico escolar da escola, apenas uma declaração:

Era uma escola tradicional, com marca forte, "aqui você aprende fazendo". Mas fecharam de repente. No Orkut (site de relacionamentos) há várias comunidades de pessoas que estão sem seus documentos. Eu entrei na Justiça — disse Melina, de 30 anos.

Andreia Salucci Vieira, de 37 anos, estudou em dois colégios que fecharam as portas. Ela, que havia parado de estudar no 7 - ano (antiga 6- série), conseguiu matricular-se numa escola estadual e agora está prestes a concluir o ensino médio. Mas corre o risco de ficar sem as notas, pois ainda não provou que fez parte do ensino fundamental:

Estou desempregada, tenho chance de conseguir uma bolsa numa universidade, mas, se não conseguir meus históricos, vou perder tudo. Já entrei com processo na secretaria, mas ainda não tive resposta.

Heloísa Maciel diz que ex-alunos de escolas que fecharam devem entrar em contato com a Inspeção Escolar pelo telefone 25334771, para verificar se o acervo de documentos da instituição foi entregue à secretaria. As coordenadorias regionais de educação também podem prestar esclarecimentos. A lista de endereços está no site [www.educacao.rj.gov.br](http://www.educacao.rj.gov.br).

**Leia mais:**

### **Empresários culpam a inadimplência**

*Entidade diz que escolas não sabem se adequar a uma nova realidade*

Presidente da União Brasileira do Ensino Particular (Ubep), Josué Gomes da Silva tem uma estimativa pessimista sobre a saúde financeira das escolas privadas do estado. Segundo ele, 90% das instituições estão em estado de pré-falência, devido ao alto índice de inadimplência. Mas, para o representante da Associação de Pais e Alunos do Estado do Rio de Janeiro (Apaerj), João Luís Faria Netto Júnior, as escolas fecham as portas porque não sabem se adequar a uma nova realidade praticada no setor.

A chamada "lei do calote" é o "gato" da educação. O governo não tem como dar educação para todos e permite o calote. No dia em que a lei cair, o governo vai ter que arrumar vaga para todo mundo que está na rede privada e não pode pagar — diz Josué.

João Luís admite que muitos pais se valem da lei, que é federal, para matricular seus filhos na rede particular e depois ficam sem condições de arcar com os custos. Mas, de acordo com ele, as instituições não souberam se adequar, desde que a regra foi estabelecida. A lei 9.870/1999, que trata das mensalidades escolares tanto para o ensino básico quanto para o ensino superior, permite que os alunos inadimplentes permaneçam estudando até o fim do contrato. No fim do período, os colégios não são obrigados a renovar o contrato, mas não podem reter a documentação do estudante.

Acabou a farra das escolas. Não podem mais olhar o aluno como um produto. Ele não é só um pagamento, é o resultado final de uma instituição. Muitos colégios abriram justamente porque o empresário via o setor como lucrativo. E fácil falar da "lei do calote", mas há 20 anos eles lucravam sem que houvesse fiscalização — diz João Luís.

Segundo o representante da Apaerj, as escolas também insistem em reajustar seus preços em dezembro, mas seus custos só aumentam em abril, quando há o dissídio da categoria. Josué conta que, nos próximos meses, a Ubep vai convocar as escolas para passeatas contra a "lei do calote".

**Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 14 ago. 2008. Primeiro Caderno, p. 14.**

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.